



2 escolas 25 bolsas

www.freepik.com

Ao contrário da generalidade dos cursos nos últimos meses, as escolas de Verão financiadas pela FCT e pela Direção Geral do Ensino Superior no âmbito do programa “Verão com Ciência” têm atividades presenciais de formação e de investigação. No ICS estão a funcionar, desde a última semana de julho, com um total de 25 bolseiros, duas escolas promovidas pelo CECS.

Coordenada por João Sarmento, do Departamento de Geografia, a iniciativa “Áfricas: mobilidade, violência, memória e criatividade” pretende “dinamizar um olhar multidisciplinar a partir das ciências sociais, humanas e artes para, sobre e do continente africano, e dar formação específica sobre este território”. De acordo com o docente responsável, o programa desta escola visa capacitar os estudantes para o pensamento crítico e para o desenvolvimento de estratégias, métodos, objetivos e temas de investigação.

Dividido em blocos, o plano de formação deste curso breve tem dois

enfoques específicos: por um lado, o território africano; por outro, os temas da mobilidade, da violência, da memória e da criatividade, abordados numa perspetiva multidisciplinar.

Com um enfoque no mundo lusófono, a escola “Comunicação e Cultura para o Desenvolvimento” é coordenada pela investigadora Lurdes Macedo e assenta nesta ideia principal enunciada na proposta: “mais do que promover as condições e reunir os meios para o aumento da riqueza, o desenvolvimento deverá ser, antes de tudo, um debate amplamente participado sobre o futuro das sociedades”. O plano de formação trata temas como as identidades e a memória cultural, a cooperação internacional, o pós-colonialismo e a literatura fílmica para a interculturalidade.

Com um calendário apertado, estes programas tiveram 98 candidatos. Os 25 selecionados terão atividades até outubro, devendo desenvolver até lá um projeto de investigação ☺

Escola de Verão

Áfricas: mobilidade, violência, memória e criatividade

Responsável: João Sarmento
15 bolsas

Comunicação e Cultura para o Desenvolvimento

Responsável: Lurdes Macedo
10 bolsas

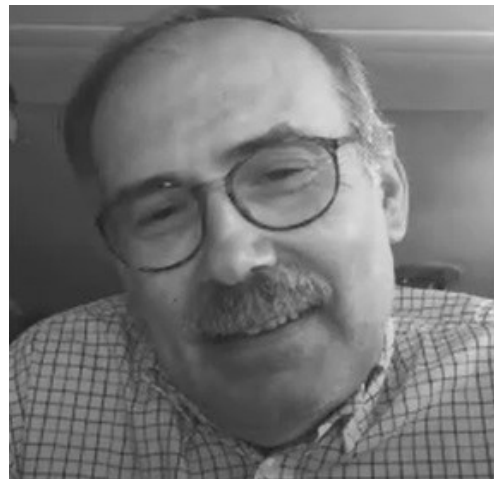
José Lopes Cordeiro

“É uma ilusão pensar que uma sociedade se desenvolve ignorando as Ciências Humanas”

Teve uma vida profissional praticamente dupla. Dentro da Universidade, foi professor do Departamento de História por 32 anos. Fora, tem sido consultor de várias organizações nacionais e internacionais na área do Património Industrial. José Lopes Cordeiro reformou-se em junho, mas vai continuar a colaborar com os cursos de pós-graduação de História.

Entrevista de Madalena Oliveira

Imagens da sessão Zoom em que decorreu a entrevista



Esteve na Universidade desde 1986, primeiro na Unidade de Arqueologia, depois, a partir de 1988, como docente. A academia foi para si um lugar de realização pessoal?

Relativamente. Digo relativamente, porque uma das atividades a que eu me dedico, continuo a dedicar-me - que é o Património Industrial - já a tinha ainda era estudante, desenvolvendo projetos com autarquias e trabalhando, diríamos hoje, como *freelancer*. De modo que, quando eu entrei para a universidade, continuei com esse tipo de atividades. Não se pode dizer que eu me tenha realizado pela via académica, porque me fui realizando com outras iniciativas que mantive paralelamente à atividade na Universidade do Minho e que, aliás, é

o que eu hoje continuo a fazer. Na realidade, não me reformei. Continuo com estes projetos e até, nesta fase da minha vida, com um número de solicitações extremamente elevado. O que vai fazer com que eu tenha uma reforma bastante preenchida.

A vida de professor não foi gratificante?

Como investigador e como docente, fui fazendo coisas que me agradaram, sem dúvida nenhuma. A investigação sempre me agradou, a docência também. A coisa que mais me custou interiorizar nesta situação de reforma é o facto de deixar de falar para alunos, discutir com alunos, trabalhar com alunos. Essa é a parte mais ingrata. Eu nunca alimentei grandes expectativas em relação à Universidade, de modo que, de certa maneira, não posso

dizer que me desiludiu. Ao longo deste percurso, o que eu posso dizer é que me sinto realizado, por todos os projetos em que estive envolvido. Ainda se encontra em curso o Comissariado das Comemorações da Revolução Liberal de 1820, embora tudo isto tenha sido feito à margem da Universidade.

Não se ocupou muito das tarefas burocráticas e de gestão de que se lamentam hoje muitos professores...

Não, para além daquelas tarefas que recebíamos regularmente para a gestão curricular, eu sempre procurei não me salientar para correr o risco de ser eleito para alguma coisa. E tive sucesso nisso! Consegui não ser eleito Diretor de Departamento. Nunca tive grande apetência por esse tipo de trabalhos, que são des-

gastantes, roubam muito tempo... Esquivei-me sempre do exercício de cargos, embora compreenda que essa também é uma obrigação dos docentes. Eu sinto muito a responsabilidade das coisas em que me envolvo, de modo que, se assumisse um cargo desses, estaria continuamente em stress.

Essas atividades paralelas que tem tido com instituições como o Internacional Council on Monuments and Sites (ICOMOS) por exemplo, são uma forma de aproximar a universidade das comunidades?

Sim, a universidade acaba por estar sempre englobada, porque eu sou identificado institucionalmente, quer ao nível do ICOMOS quer ao nível do Conselho da Europa. Mas no exercício dessas funções eu procuro ter um papel o mais discreto possível.

Como é que definiria o Património Industrial português? Há uma marca específica de Portugal a este nível ou somos condizentes com a Europa em geral?

Em termos do que se entende por Património Industrial, estamos completamente sintonizados. Esta área é uma área recente, tem pouco mais de 50 anos. O problema que nós temos em Portugal resulta em parte de termos uma industrialização pouco intensa e, consequentemente, em termos patrimoniais, ela também se traduziu em edifícios e instalações que, na maior parte das vezes, não têm a qualidade arquitetónica que existe por essa Europa fora, a começar já aqui em Espanha. A nossa industrialização foi tardia, pouco intensiva. Os industriais, particularmente no século XIX, não investiam arquitetonicamente nas instalações, a não ser em casos em que as empresas atingiam algum sucesso. De maneira geral, a arquitetura industrial portuguesa é demasiado funcional, característica. Embora no século XX venhamos a ter fábricas - e não só fábricas, porque o património industrial não consagra apenas fábricas - e instalações de grande qualidade arquitetónica, de arquitetos nacionais de renome.

A segunda questão que está hoje associada ao património industrial em Portugal é o facto

de nenhum governo até à data ter definido uma política consequente para com o património industrial, numa altura em que o património industrial está a desaparecer, está cada vez mais ameaçado, mas não deixa de constituir uma parcela importante do nosso passado, da nossa identidade e que, nalguns casos, se justificava salvaguardar. Andamos a arrastar há décadas uma situação de indefinição programática em relação ao que fazer ao património industrial e consequentemente à

“pensar que nós só nos desenvolvemos se apostarmos nas tecnologias é uma ilusão e é uma ilusão triste, porque demonstra ignorância.”



sua musealização. O pouco que tem sido feito nesta área deve-se em grande medida às autarquias, que têm feito inventários, que têm zelado por alguns sítios industriais, que os têm valorizado, que os têm transformado até em museus...

Que papel podem ter as universidades na promoção da preservação deste tipo de património?

A situação alterou-se positivamente em termos, por exemplo, do reconhecimento da sociedade da importância desta área, em parte pelo trabalho de investigação e de docência que se fez em várias universidades. A questão que se coloca em termos de intervenção ou de projetos vai sempre cair na velha

questão do financiamento. As universidades não têm recursos próprios.

No entanto, pensar que nós só nos desenvolvemos se apostarmos nas tecnologias é uma ilusão e é uma ilusão triste, porque demonstra ignorância. Esse discurso [pró-tecnologia] existe, mas é uma ilusão que uma sociedade só se desenvolve ignorando as Ciências Humanas, ignorando outras realidades que não dão dinheiro, mas acabam por contribuir, e às vezes com maior consistência, a médio e a longo prazo.

A História e as Ciências Sociais em geral têm hoje um estatuto científico secundário?

Não, não, antes pelo contrário. Na sociedade portuguesa, a História está muito valorizada. Basta ver as edições. Edita-se muito e traduz-se. Há uma apetência até em programas de rádio e de televisão. Têm-se feito séries históricas com bastante sucesso.

O que diria a um estudante para o motivar a ingressar num curso de História?

O que eu poderia dizer é que se ele fizer um curso de História, e se se dedicar ao assunto, compreenderá muito melhor a sociedade em que está inserido. Compreendendo a História, fica com melhor armamento para enfrentar o futuro. Fica a conhecer o passado, o que lhe poderá dar algumas indicações sobre repetição de situações. Um curso de História pode dar-lhe essa capacidade para se inserir melhor. ☺

José Lopes Cordeiro é diretor da revista *Arqueologia Industrial*

MÚSICA PARA DESCANSAR E ESCUTAR
31 de julho
a playlist dos Funcionários do ICS

Funcionários do ICS sugerem música para férias

Em junho e julho, o ICS divulgou um conjunto de *playlists* de música para estudar, sugeridas por docentes e estudantes dos quatro departamentos do Instituto. De saída para férias, são agora os funcionários que sugerem música para descansar. As escolhas da equipa que assegura os serviços administrativos e técnicos estão disponíveis na conta do ICS no Spotify. ☺

AGENDA

Provas de Doutoramento

Agendadas

SOCIOLOGIA

Zélia Maria Maia Neves

“A intervenção social e a mudança das condições de vida de beneficiários de RSI”

08 de setembro de 2020

HISTÓRIA

Teresa Maria Mesquita Simões Alves de Araújo

“A família, a memória e os afetos: os Alves de Requião (séculos XVII-XX)”

11 de setembro de 2020

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Luciana Gabriela Moura Fernandes

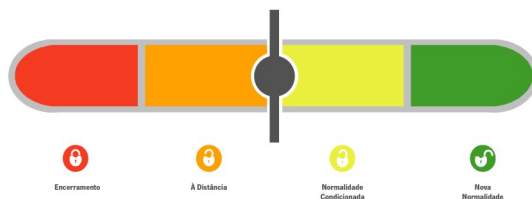
“A saúde nos ecrãs informativos da televisão portuguesa”

14 de setembro de 2020

COVID-19

ICS cria marcador de nível de funcionamento

Na versão mais recente do Plano de Contingência da Universidade do Minho para a contenção da Covid-19 estão definidos quatro cenários de funcionamento para a institui-



ção: encerramento, à distância, normalidade condicionada e nova normalidade. Em articulação com esta disposição, o ICS criou um marcador para informar a sua comunidade sobre o nível em que o Instituto estará a funcionar a cada momento, bem como as correspondentes implicações a nível de ensino, investigação e serviços. De acordo com a Comissão de Contingência, o indicador deverá deslocar-se para a situação de “normalidade condicionada” a partir de setembro. ☉

Provas Académicas

Sara Pereira é professora agregada em Ciências da Comunicação

É especialista em Educação para os Média. Tem desenvolvido trabalho científico sobre crianças e jovens e os média, audiências, literacia mediática, média, participação e cidadania e estudos de receção. Apresentou-se a provas de agregação, nos dias 9 e 10 de julho, numa sessão realizada por videoconferência, com uma lição intitulada “Crianças, jovens e média na era digital: consumidores e produtores?”. Sara Pereira é docente do Departamento de Ciências da Comunicação (de que foi diretora entre 2013 e 2019) e investigadora do CECS. É também *chair* da Media Education Research Section da IAMCR e fundadora do grupo de trabalho de Comunicação e Educação da Sopcom. Atualmente coordena ainda o Observatório de Média, Informação e Literacia (MILOBS) do CECS. ☉



OPINIÃO

Luís António Santos

Departamento de Ciências da Comunicação



O ‘OLHO AMIGO’ DE UMA UNIVERSIDADE POLICIADA

Soubemos há dias que a Universidade do Minho adotou (imagino que tenha comprado, porque estas coisas custam sempre dinheiro) duas novas ferramentas para a vigilância das atividades de avaliação à distância. A decisão, dizem-nos, tem por objetivo “mitigar algumas situações de fraude na realização de provas” e a duas coisas chamam-se ‘Respondus Lockdown Browser’ e ‘Respondus Monitor’.

De tanto andarmos enredados em calendários académicos que envolvem obrigações para muitos docentes em tempo de férias e afundados em sugestões de ações de formação ‘nos meses de agosto e setembro’ quase nos passa ao lado mais este passo na caminhada de transformação da universidade num espaço cada vez mais desumanizado. Uma gestão deliberadamente centralizadora e menos transparente leva-nos, de olhos vendados, a caminho de uma existência sem gente, sem meios (embora – sempre, sempre – com meios suficientes para adquirir o que interessa) e com relações humanas marcadas pela vigilância. Funcionários, docentes e investigadores já bem conhecem o ‘inferno das etapas’ no DocUM; agora sugere-se alargar a ideia do ‘olho amigo’ aos comportamentos dos alunos. Aqueles que, no início do século passado, imaginaram futuros distópicos para a Humanidade não conseguiram sequer antecipar o poder, o alcance e os efeitos de algumas destas ferramentas que vamos incorporando numa existência que já muito pouco tem de ‘normal’.

Acredito que quem toma estas decisões não queira acrescentar dano. Mas, como sabemos da fábula do escorpião e do sapo, é difícil fugir à natureza das coisas. E a História não nos ensina diferente. ☉

!!! A Presidência do ICS faz votos de que o período de férias que agora se inicia seja tempo de descanso e de vagar. !!!

No mês de agosto interrompemos a edição deste boletim.